

A PEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO DE AUTISTA: COMPORTAMENTO, FIGURA E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA DE APRENDIZAGEM¹

Antônio Cesar Machado da SILVA²

Professor do Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de
Linhares (Faceli)

Franciele Silva FRANÇA³

Graduanda em Pedagogia Faculdade de Ensino
Superior de Linhares (Faceli)

Milena da Costa SILVA⁴

Graduanda em Pedagogia Faculdade de Ensino
Superior de Linhares (Faceli)

Valeria Vieira dos SANTOS⁵

Professora do Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares
Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos/SP

RESUMO

O presente artigo aborda a temática da alfabetização de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o propósito de fornecer informações acerca da eficácia de abordagens específicas no processo de alfabetização nomeadamente, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) e o Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação (TEACCH). Estes métodos visam ampliar as capacidades de comunicação das crianças autistas, facilitando uma interação mais efetiva com a sociedade e, neste caso, com o processo de alfabetização. O TEA é conceituado como uma síndrome comportamental inserindo-se no espectro dos distúrbios do desenvolvimento. A presente pesquisa assume a forma de uma revisão bibliográfica com caráter quantitativo-descritivo, com o intuito de selecionar dados relevantes sobre as metodologias destinadas ao ensino e a aprendizagem de estudantes com TEA. Para avaliar a implementação dessas abordagens no processo de alfabetização realizou-se uma entrevista com três professoras do Ensino Fundamental de duas escolas públicas em dois municípios diferentes. Os resultados obtidos indicam a possibilidade positiva do uso dos métodos pelos professores no processo de alfabetização de estudantes autistas ressaltando, no entanto, a necessidade da colaboração de toda a equipe gestora da escola, secretaria de educação e dos pais e/ responsáveis legais para otimizar os benefícios. **Palavras-chave:** Alfabetização. Autismo. Metodologias.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso.

² Endereço eletrônico: antoniniocesar@hotmail.com

³ Endereço eletrônico: francielefranca2606@gmail.com

⁴ Endereço eletrônico: milenacosta.13.mc@gmail.com

⁵ Endereço eletrônico: valeria.vieira@faceli.edu.br

PEDAGOGY IN AUTISTIC LITERACY: BEHAVIOR, FIGURE AND ALTERNATIVE LEARNING COMMUNICATION

ABSTRACT

This article addresses the issue of literacy for children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) with the purpose of providing information about the effectiveness of specific approaches in the literacy process, namely, Applied Behavior Analysis (ABA), the Picture Exchange Communication (PECS) and Treatment in Education for Autistic and Children with Communication-Related Disabilities (TEACCH). These methods aim to expand the communication capabilities of autistic children, facilitating a more effective interaction with society and, in this case, with the literacy process. Autism Spectrum Disorder is conceptualized as a behavioral syndrome falling within the spectrum of developmental disorders. This research takes the form of a bibliographic review with a quantitative-descriptive character, with the aim of selecting relevant data on methodologies aimed at teaching and learning for students with ASD. To evaluate the implementation of these approaches in the literacy process, an interview was carried out with three elementary school teachers from two public schools in two different cities. The results obtained indicate the positive possibility of using the methods by teachers in the literacy process of autistic students, highlighting, however, the need for collaboration between the entire school management team, the education department and parents and/or legal guardians to optimize the results. benefits.

Keywords: Literacy. Autism. Methodologies.

Introdução

O tema escolhido surge de nossas experiências em estágios pela Prefeitura Municipal de Linhares-ES e Rio Bananal-ES na área de Educação Especial, quando nos deparamos com a presença de vários estudantes autistas e as dificuldades enfrentadas pelos professores para alfabetizá-los. Apesar de seus esforços e estratégias, muitas vezes, as metodologias utilizadas pelos professores não eram suficientes para que o objetivo educacional do processo de ensino-aprendizagem fosse alcançado.

Durante os estágios prestados, uma de nós trabalhou em uma clínica como Atendente Terapêutica e, através de observação reflexiva sobre os métodos utilizados no local, percebemos que as metodologias ABA, PECS e TEACCH são valiosos aliados no processo de alfabetização de crianças autistas e que podem ser utilizados em sala de aula.

Acreditamos, firmemente, que todos os estudantes têm potencial de aprendizagem, entretanto, grande parte não consegue alcançá-los, derivando no problema que, muitas vezes, é resultado da falta de preparo e de capacitação por parte dos professores para que possam prestar um ensino, verdadeiramente, significativo.

O artigo em questão centraliza a alfabetização dos estudantes dentro do espectro autista, justificado pela necessidade de o conteúdo ser necessário a toda equipe escolar, pais e/responsáveis legais e profissionais parceiros da escola, como também, a relevância que esse tema trás para a área da Educação e que vem se expandindo dentro do contexto

escolar, considerando-se também a primazia de que os estudantes com TEA precisam ter assegurados seus direitos de aprendizagem, garantidos pela Legislação.

A pedagogia na alfabetização de autista que engloba o comportamento, figura e comunicação alternativa de aprendizagem é um tema de grande relevância para a área educacional, pois busca responder aos questionamentos que adentram o universo escolar no processo de ensino-aprendizagem quanto ao uso de metodologias específicas e alternativas que possibilitem a alfabetização de crianças com TEA.

Leva-se também em consideração as características individuais dos estudantes como os aspectos cognitivos, as características psicomotoras, os aspectos socioemocionais e afetivos que irão influenciar diretamente no aprendizado e na alfabetização dos estudantes que se encontram inseridos no contexto do espectro autista.

A hipótese que guia este estudo reside na investigação do potencial contributivo das abordagens terapêuticas no processo de alfabetização de estudantes com TEA quando aplicadas no contexto da sala de aula regular. Desse modo, pretende-se responder a seguinte problemática: O que é necessário para que o professor regente implemente as metodologias ABA, PECS e TEACCH de forma significativa na sala de aula, a fim de auxiliar no processo de alfabetização de estudantes diagnosticados com o TEA?

O objetivo geral do presente artigo é averiguar o que é necessário para que o professor implemente os métodos ABA, PECS e TEACCH de forma significativa na sala de aula, a fim de auxiliar no processo de alfabetização de estudantes diagnosticados com TEA. Os objetivos específicos são, respectivamente, apresentar aspectos do processo de alfabetização e descrever os métodos de intervenção com o estudante autista no ambiente escolar.

Metodologia

O presente artigo se configura como revisão bibliográfica de literatura, com natureza de abordagem qualitativa, utilizando-se de estudos no campo da Pedagogia e áreas afins sobre a alfabetização de crianças dentro do espectro autista. O embasamento teórico procedeu-se da abordagem qualitativa de dados e descritiva com vistas a ampliar os níveis de conhecimento que se tem dentro desse escopo.

Para um embasamento efetivo, alguns critérios de inclusão para o destacamento das informações obtidas foram adotados como a relevância do tema através de estudos com uma abordagem direta, teses e discussões que versem sobre a abordagem, artigos científicos revisados por pares. Alguns critérios de exclusão para melhor assertividade na

conduta da pesquisa foram adotados também como a irrelevância do tema para a categoria e exclusão de publicações ou artigos que não foram revisados por pares.

A coleta de dados procedeu-se através de entrevista com professoras atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com o objetivo de compreender, através de suas perspectivas de agentes atuantes na área pedagógica, subjetivamente, informações obtidas pelas profissionais da área.

Aspectos do Processo de Alfabetização

A alfabetização é um processo complexo que envolve mais do que apenas o professor e o estudante. Como Paulo Freire afirmou “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 39). Isso sugere que a natureza do objeto de conhecimento e o contexto em que a aprendizagem ocorre são, igualmente, importantes.

Tomando-se a assertiva anteriormente citada, quando se trata de alfabetização significativa é vital considerar não apenas o método de ensino e o nível de maturidade do estudante, mas também outros fatores do processo de aprendizagem como o ambiente de ensino, o papel do educador, as estratégias de avaliação e o suporte oferecido aos estudantes. Ignorar esses elementos pode resultar em abordagens de ensino deficientes.

Para tanto, Kramer (1986, p.17) elenca que a alfabetização "vai além do saber ler e escrever, e inclui o objetivo de favorecer o desenvolvimento da compreensão e expressão da linguagem". Ela envolve compreender como a linguagem escrita é utilizada na comunicação, interpretação de textos e compreensão de conteúdo, fortalecendo a participação cidadã em iniciativas que visam melhorar as condições de vida e promover mudanças sociais significativas.

As primeiras escritas feitas pelos estudantes no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor porque, de alguma forma, os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo e servir de base para as futuras aprendizagens. Paulo Freire elucidava que a alfabetização:

[...] possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (Freire, 1991 *apud* Gadotti, 2010. p.1).

Consequentemente, para Freire (2000), a alfabetização não pode ser separada da participação ativa na sociedade e da compreensão do contexto cultural e social. Através dessa compreensão, ele versa que nós nos tornamos seres humanos mais completos e capazes de contribuir, efetivamente, para a sociedade.

Ferreiro (2017) fortaleceu essa perspectiva argumentando que a alfabetização é, essencialmente, uma prática social, ocorrendo entre pessoas inseridas em um ambiente social específico no qual não se baseia apenas em memorização de sons, cópia, junção de sílabas e decifração, mas que a leitura e a escrita são sistemas construídos gradativamente (Ferreiro, 2017).

Alfabetização do estudante autista

Desde os primeiros anos de vida é crucial estar atento aos sinais que podem indicar a presença do TEA, especialmente, no período dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, haja vista que o Transtorno do Espectro Autista se caracteriza como um transtorno ou distúrbio neurocomportamental impactando no processo de aprendizagem, diferindo quanto à manifestação de comportamentos inapropriados em indivíduos dentro do espectro.

Destarte, apresenta sinais que estão presentes desde cedo em seu desenvolvimento causando prejuízos na vida diária dessas crianças. A observação e a identificação desses sinais são fundamentais para promover intervenções adequadas visando o desenvolvimento saudável da criança e garantir o suporte necessário para o seu progresso acadêmico e social na escola. Dentre os sinais, destacam-se algumas características que afetam diferentes áreas do desenvolvimento:

Na área da comunicação, observa-se atraso na fala, frequência alta de vocalizações repetitivas e estereotipadas, pouco uso de gestos de apontar e dificuldades em responder quando é chamado pelo nome. No aspecto social, percebe-se uma falta de expressões emocionais e afetivas positivas, pouco sorriso social, déficits no contato visual e na imitação, pouco interesse em crianças, baixa atenção a estímulos sociais, além do importante déficit no desenvolvimento de atenção compartilhada (Sella *et al.*, 2018, p. 64).

Sendo o autismo um transtorno neurocomportamental que afeta várias áreas, principalmente, na comunicação e conduta, gera implicações de forma direta na dificuldade de comunicação e na aprendizagem da alfabetização causando prejuízos na vida diária da criança autista.

Nesse contexto, Mantoan (2011) declara que, ao ingressar na escola, a criança com autismo enfrenta mudanças significativas em sua estrutura física e pessoal, demandando de cuidados e atenção específicos que, muitas vezes, não são observados pela escola. Ante a apresentação dos sinais característicos dos estudantes com TEA, torna-se importante que a escola adapte o seu projeto político, prática pedagógica e estrutura física, além de investir na capacitação dos professores para ensinar de forma significativa e inclusiva.

Dessa forma, é garantido que, diante do diagnóstico do estudante com TEA, não haja impedimento dos profissionais da área da educação de enxergarem o estudante dentro do espectro autista como um todo, oferecendo suporte necessário para o seu pleno desenvolvimento educacional.

Durante o processo de aprendizagem é fundamental que a equipe escolar considere que cada estudante na sala de aula é único em sua forma de aprender, atentando-se para a Lei de nº 13.146/2015 que estabelece que tanto as escolas públicas quanto instituições de ensino privadas devem proporcionar as condições necessárias para que os estudantes com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento tenham pleno acesso, participação e oportunidades de aprendizado (Brasil, 2015).

Neste sentido, Mantoan (2011) descreve que o sucesso da aprendizagem se dá a partir do momento em que se exploram talentos e habilidades. Para ela, ensinar deve abranger as diferenças dos estudantes sem fazer distinção, adotando uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, uma pedagogia única para todos, baseada no amor verdadeiro.

Luckesi (2011, p. 125) elucida que “planejar significa traçar objetivos e buscar meios para atingi-los”. Moretto (2007, p. 52) também descreve que “ao mesmo tempo em que o professor organiza a escolha dos conteúdos, ele planeja estratégias pedagógicas que favoreçam uma aprendizagem significativa por parte dos alunos”.

Isso dá ao professor a autonomia de pensar e mudar, quando necessário, a sua prática cotidiana, garantindo que as necessidades dos estudantes sejam atendidas da melhor forma possível e, também, de refazer os caminhos caso o objetivo não tenha sido alcançado.

Para que todo o processo ocorra de forma factual é fundamental que o estudante com TEA tenha ajuda do monitor/estagiário dentro da escola. Esses profissionais, por meio da orientação dos professores, desempenham um papel fundamental na vida dos estudantes proporcionando uma aprendizagem individualizada através de estímulos criativos despertando os interesses de aprendizagem do estudante autista.

De acordo com as disposições da Lei Municipal de Linhares (nº 4.079), no art. 3º, conforme detalhado em seu Anexo II, na Descrição Sumária do Cargo de Monitor, este:

Atua prestando apoio direto a alunos com necessidades especiais, favorecendo o desenvolvimento da independência e autonomia dos mesmos em suas atividades diárias e escolares. Atua como mediador do processo de ensino/aprendizagem seguindo as orientações recebidas do docente regente ou outros membros da equipe pedagógica, contribuindo na aquisição de conhecimentos. Atua como mediador na comunicação em todas as atividades didático pedagógicas. Promove, em conjunto com o docente regente, o avanço contínuo das habilidades do aluno, através da organização e execução de atividades pedagógicas inclusivas, inclusive em sala de recursos. Executa outras tarefas correlatas que lhe forem atribuídas pelo superior imediato (Linhares, 2022).

Portanto, para garantir uma aprendizagem significativa tanto o professor quanto o monitor/estagiário precisam compreender bem as características do estudante com TEA, incluindo suas dificuldades e habilidades, devendo planejar estratégias de ensino significativas, centradas nas necessidades individuais, utilizando abordagens adaptadas e visuais, estabelecendo rotinas claras, enfatizando o desenvolvimento das habilidades de comunicação e incorporando os interesses específicos.

Principais métodos de intervenção para auxiliar no processo de alfabetização do estudante autista no ambiente escolar

Até o presente momento não existe cura para o autismo e o seu nível de suporte pode variar bastante, produzindo diferenças significativas no quadro clínico como um transtorno bastante complexo que implica em dificuldades de aprendizagem que afetam a aquisição de conhecimento por parte do estudante autista dificultando, principalmente, no seu processo de alfabetização.

Dentro do Transtorno do Espectro Autista, algumas crianças apresentam linguagem expressiva e receptiva mínima ou ausente; em outras, a linguagem é desenvolvida, mas com dificuldade no seu uso em situação de interação social. Diante dessa perspectiva é preciso o envolvimento de professores e outros profissionais mediante as dificuldades de aprendizagem provocadas pelo autismo.

No intuito do desenvolvimento integral de indivíduos com o TEA, as clínicas especializadas, frequentemente, empregam uma variedade de intervenções psicoeducacionais, buscando atender, de maneira específica, às necessidades desses indivíduos.

Segundo Bosa (2006) e Brites (2019) as técnicas psicoeducacionais mais utilizadas são: o TEACCH (Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação), o PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras) e a ABA (Análise Aplicada do Comportamento), as quais possibilitam ao paciente autista o desenvolvimento de habilidades para a realização de atividades cotidianas, organização do ambiente, melhoras na interação social e diminuição de comportamentos inadequados.

Os métodos ABA, PECS e TEACCH⁶ são amplamente adotados na educação destas crianças devido à sua base científica sólida, personalização para atender às necessidades individuais, ênfase na estrutura, comunicação alternativa e aumentativa e uso de reforço positivo em resultados positivos observados. Essas abordagens se aplicam a várias áreas, tornando-se recursos valiosos para promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças com TEA em ambientes inclusivos.

Método ABA

O método ABA⁷ (*Applied Behavior Analysis* ou Análise do Comportamento Aplicada) se deu início na década 20 por meio de publicações feitas por Jones (1924), Mowerer e Mowerer (1938), Fuller (1949) e Ayllon e Michael (1959). É uma intervenção baseada em evidências científicas que possui fundamentos do behaviorismo radical, da análise experimental e da ciência aplicada. O seu foco está nos benefícios que o tratamento traz para a vida do sujeito (Sella, Ribeiro, 2018).

Segundo Kearney, (2008), através da ABA é possível prever o desenvolvimento de habilidades dos indivíduos que estão em *déficits* e alterar certos comportamentos socialmente relevantes por meio de práticas baseadas em evidências, analisando o que ocorre antes, durante e depois da presença de estímulos postos ou retirados pelo profissional.

Essa análise é viável, pois Skinner⁸ (1938) demonstrou a possibilidade de estudar, de maneira científica, o comportamento humano ao analisar as interações com o ambiente e considerar as influências materiais, sociais e pessoais que moldam a forma como o sujeito age (Moreira, Medeiros, 2018).

⁶ Apesar desses atendimentos serem criados para o atendimento clínico, observa-se, ainda que, assistematicamente eles estão presentes nas escolas regulares.

⁷ No artigo está sendo abordado como um método para a alfabetização, porém, o mesmo é uma ciência.

⁸ Psicólogo, um dos fundadores e defensor da análise comportamental.

A terapia ABA é baseada no ensino intensivo e individualizado na aquisição das habilidades necessárias para que a criança possa adquirir autonomia e melhorar a qualidade de vida, ampliando comportamentos desejáveis e reduzindo comportamentos problemáticos⁹. Essa abordagem fundamenta-se em princípios de reforço positivo¹⁰, ensino estruturado, personalização e coleta sistemática de dados.

A metodologia ABA: é o uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Envolvendo uma série de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos (Anderson, 2007, p.10).

Mediante essas definições, o método ABA oferece programas individualizados e adaptados às necessidades específicas de cada estudante. A abordagem cria um ambiente motivador desempenhando um papel essencial na promoção da sua aprendizagem e desenvolvimento ao se concentrar na avaliação das habilidades dos estudantes e estabelecer metas realistas incentivando os estudantes a explorarem novas habilidades.

O processo de avaliação ABA para Braga, Kenyon e Miguel (2005, p.152) é explicado em 4 fases, sendo elas;

1) Avaliação inicial, 2) definição dos objetivos a serem alcançados, 3) elaboração de programas (procedimentos) e 4) avaliação do progresso. [...] Avaliações iniciais do repertório do aluno servem para estabelecer uma linha de base, ou seja, para identificar o que o aluno sabe e o que não sabe, e ao mesmo tempo, para identificar que comportamentos inadequados o aluno emite. Uma vez realizada a avaliação inicial, o profissional deve seguir os passos 2, 3 e 4. É importante destacar que o processo não se encerra após o passo 4. [...].

Portanto, em um ambiente escolar, as 4 fases descritas residem na ênfase da análise de dados e na avaliação contínua do progresso do estudante.

Método PECS

Um dos programas de Comunicação Alternativa (CA) mais utilizados para pessoas com TEA é o PECS (*Picture Exchange Communication System* ou Sistema de

⁹ Sendo alguns deles estereotípias vocais e motoras, autoagressão e agressividade.

¹⁰ Sistema de recompensa para que a criança se sinta motivada a melhorar e repetir os bons comportamentos, exemplo: reforço verbal, objetos, gestos etc.

Comunicação por Troca de Figuras). Conhecido como protocolo PECS, ele foi desenvolvido nos Estados Unidos da América (EUA) em 1985 por Andy Bondy¹¹ e Lori Frost¹² para crianças com autismo e com *déficit* severo na comunicação oral.

Tal protocolo de comunicação alternativo consiste no intercâmbio de figuras como uma forma interativa de transmitir uma mensagem a alguém e sistematizar o pedido de itens interessantes (Bondy, Frost, 2002) estimulando a interação socioemocional possibilitando a comunicação alternativa aumentativa.

A finalidade do método se baseia na troca da comunicação verbal por figuras, algo visto em Brite (2020) e Schwartzman (2020), as quais representam objetos e situações. Assim, a criança utiliza como forma de expressão do que quer, sendo um recurso alternativo de comunicação. Em muitos casos é a única forma de comunicação da criança para manifestar suas necessidades e desejos.

Ganz, Simpson e Newsome (2008) descrevem seis fases distintas no PECS. Na fase inicial a criança é orientada a associar imagens a itens desejados. Na segunda fase, são fornecidas instruções para ampliar o número de trocas, envolvendo um maior número de pessoas. A terceira fase concentra o treinamento da capacidade da criança em discriminar e selecionar figuras. Na quarta fase o foco é o ensino da formação de frases, permitindo à criança expressar o desejo de obter seu item preferido. Na quinta fase, a criança desenvolve a habilidade de responder verbalmente, o que deseja. Finalmente, a sexta fase visa à expansão das habilidades assimiladas ao longo do programa.

Começando com uma avaliação das habilidades de comunicação, o método evolui por fases, introduzindo uma troca de figuras por itens desejados e promovendo uma comunicação mais eficiente e eficaz, ou seja, funcional. Essas figuras devem representar itens, atividades ou necessidades significativas para cada estudante e serem, visualmente, compreensíveis. Em cada avanço obtido durante as fases é essencial o uso de reforços positivos, como elogios, para motivá-los a utilizar o PECS com sucesso.

Portanto, segundo a afirmação de Bondy e Frost (2011), os sujeitos com TEA que realizarem todas as seis fases possuem o domínio em pedir objetos desejados, iniciar uma comunicação espontânea, responder perguntas, comentar sobre situações, manifestar seus sentimentos, adjetivar itens e assim por diante.

¹¹ Formação de base em psicologia.

¹² Formação básica em fonoaudiologia.

Método TEACCH

TEACCH¹³ (*Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children* ou Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação) é um método focado em estratégias educacionais que se concentram em adaptar o ambiente para atender às necessidades individuais das pessoas com autismo, envolvendo organização visual, estruturação do espaço e rotinas previsíveis.

No intuito de facilitar a vida de pessoas de todas as idades com TEA ou com dificuldades de comunicação, em 1971 Eric Schopler¹⁴ e seus colaboradores norte-americanos da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill criaram o TEACCH® que, embora traga a palavra “crianças” em sua sigla, é importante frisar que não se trata de um método aplicado somente a menores de 18 anos, pois o intuito é acompanhar a criança com autismo até a sua fase adulta, independentemente da idade (Fonseca, Ciola, 2016).

Para a autora Leon (2016), o primeiro passo ao pensar no TEACCH é iniciar pela estrutura física, ou seja, ambiente, mobília, área de deslocamento e transição: tudo deve ser muito organizado e, visualmente, simples de compreender, em que a criança possa ver o que fez, o que irá fazer e por quanto tempo fará determinada coisa. Essa rotina prévia ajuda evitar comportamentos problemáticos como gritos, estereotípias¹⁵, agressões físicas, resistência a mudanças, entre outros.

Os autores Fonseca e Ciola (2016) referem-se ao método TEACCH como auxiliador no desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação social, além de promover a autonomia e a autossuficiência e não apenas uma abordagem educacional, que considere as necessidades emocionais e sociais das pessoas com autismo, buscando criar um equilíbrio entre a estrutura e a flexibilidade, promovendo o desenvolvimento individual enquanto oferece suporte para superar desafios específicos.

Ainda segundo Fonseca e Ciola (2016) o TEACCH possui princípios norteadores que auxiliam nesse processo de desenvolvimento da independência da pessoa com TEA que são: a) melhoria da capacidade adaptativa; b) colaboração entre pais e profissionais; c) avaliação individualizada para a intervenção; d) ênfase na habilidade e reforço nas capacidades do estudante; e) teoria cognitiva, comportamental, psicolinguística e do

¹³ Apresenta um viés mais pedagógico com bases na psicologia comportamental e a psicolinguística.

¹⁴ Psicólogo.

¹⁵ Comportamentos motores ou verbais repetitivos.

desenvolvimento fundamentado à prática e f) ensino estruturado agindo como fator de organização e previsibilidade.

Portanto, em um espaço escolar, o uso de recursos visuais como suportes visuais e sistema de organização tem como objetivo ajudar a criar um ambiente com uma rotina previsível para os estudantes TEA, facilitando na compreensão das atividades, na independência e na participação ativa em suas atividades praticadas.

Resultados e Discussões

Para o embasamento teórico da pesquisa foi realizada uma revisão de literatura de natureza e abordagem qualitativas, no qual a coleta de dados ocorreu por meio de entrevista com três professoras de sala de aula regular do 1º, 2º e 3º anos de Ensino Fundamental (EF) pois, segundo o Currículo Capixaba (2018), o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do EF (1º/ 2º anos) é a alfabetização.

A entrevista é um método de coleta de dados projetado para obter informações detalhadas e complexas. Neste processo, há interação e diálogo entre o pesquisador e o objeto de estudo, resultando na coleta de informações que enriquecem o artigo. Segundo Gil (2008, p.128):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, ela é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação).

As entrevistas foram conduzidas com professoras regentes para responderem à seguinte questão: O que é necessário para que o professor regente implemente os métodos ABA, PECS e TEACCH de forma significativa na sala de aula, a fim de auxiliar no processo de alfabetização de estudantes diagnosticados com o TEA?

A partir das entrevistas realizadas pudemos perceber que duas entrevistadas possuem um entendimento superficial acerca dos métodos, como pode ser visto quando a entrevistada “X” diz que “conhece superficialmente o método ABA e o PECS” e, de modo semelhante, a entrevistada “Y” “conhece, na prática, o método ABA por meio do seu filho que é autista e o mesmo realiza o tratamento em uma clínica localizada em outro município, já que no município onde reside (Rio Bananal - ES) não há atendimento ABA”.

Diferentemente das entrevistadas anteriores, a entrevistada “Z” diz que tem um conhecimento mais aprofundado como pode ser visto nesta fala: “Conheço os três métodos. Os conheci através do curso de pós-graduação e cursos feitos por iniciativa própria”.

Todas as entrevistadas afirmaram que é possível envolver ABA, PECS e o TEACCH em sala de aula como um recurso metodológico para auxiliar na alfabetização dos estudantes TEA. Devido ao fato de se tratar de metodologias específicas e individualizadas com os estudantes, as profissionais acabam se limitando devido as dificuldades para desenvolver uma aprendizagem de maior qualidade.

Ao compararmos os nossos dados fica evidente esses limites conforme relatados pela entrevistada “X” ao expor que: “em relação as dificuldades, o primeiro ponto que quero destacar é o professor ter especialização e prática com esses métodos; segundo é a rede oferecer recursos e preparos constantes e que o estudante TEA tenha ajuda de monitor/estagiário dentro da escola; o terceiro é diminuir a quantidade de estudantes em uma sala, visto que hoje a minha turma tem cerca de 30 estudantes”.

Entretanto, a quantidade de estudantes matriculados na sala da professora é adversa daquilo que o Sistema de Ensino determina, pois no caso específico do 1º ao 3º ano, o número máximo de estudantes por turma é estabelecido na quantidade de 25 (CEE nº 3.777/2014).

Dificuldade semelhante foi identificada na fala da entrevistada “Y” ao relatar que os obstáculos encontrados são a “falta de recursos gerais que a escola não oferece como, por exemplo, xerox/impressão colorida; a falta da presença ativa dos pais e/responsáveis legais na escola e a falta de monitor/estagiário para o estudante”.

No entanto, com base na Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, o estudante diagnosticado dentro do transtorno do espectro autista tem direito a um monitor/estagiário para o auxiliar dentro da escola, e esse direito está assegurado no Decreto nº 8.368/2014¹⁶.

Já a entrevistada “Z” destaca que a maior dificuldade encontrada é “o próprio professor regente aceitar que precisa mudar sua postura passiva, acomodada e se transformar num agente transformador”.

¹⁶ Instituições de ensino devem fornecer acompanhamento especializado para pessoas com transtorno do espectro autista ou outras deficiências.

Corroborando com a fala da professora, Vygotsky (1991) atribui que a função do professor consiste em atuar como um mediador e tal postura é fundamental ao longo do processo de ensino e de aprendizagem quando irá desempenhar um papel crucial como parceiro, incentivando o estudante a desenvolver o seu próprio aprendizado e a construir a sua identidade.

A respeito da coordenação pedagógica, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) descreve que a tarefa da coordenação é auxiliar, diretamente, os professores na sua prática pedagógica e no estreitamento da relação entre a família e a escola (Brasil, 1996).

Apesar desse profissional desempenhar um papel tão importante no processo de aprendizagem dos estudantes, a entrevistada “X” enfatiza “não ter um suporte da pedagoga ao realizar o planejamento”, dizendo que a orientação “é apenas para colocar o estudante TEA mais à frente ou ao lado da mesa do professor”.

Similar a essa realidade, a entrevistada “Y” destaca que “não tem ninguém da gestão escolar para orientar ou tirar dúvidas no momento do planejamento específico para o estudante autista, sendo do interesse do professor a iniciativa de pesquisar estratégias e adaptar as atividades para o estudante TEA”.

Em um contexto de busca por suporte, a entrevistada “Z” expõe “não ter pedagogo na escola na qual trabalha”. No entanto entendemos que é essencial a figura do pedagogo presente na escola oferecendo o suporte pedagógico-didático aos professores com o intuito de aprimorar a qualidade do ensino, colaborando na elaboração, implementação e administração de contextos de aprendizagem adequados às necessidades educacionais dos estudantes.

Por intermédio de todas as respostas coletadas e pesquisas realizadas para que o professor regente implemente os métodos ABA, PECS e TEACCH, que garantem resultados positivos voltados para o público com TEA, de forma significativa na sala de aula a fim de auxiliar no processo de alfabetização dos estudantes, é necessário um conhecimento mais aprofundado acerca deles, tanto pelos professores quanto pela equipe gestora.

Deste modo é fundamentalmente importante conhecer as características de cada estudante, pois são únicos e requerem estratégias individualizadas. Para que o processo de alfabetização em estudantes autistas ocorra de forma significativa, todas as peças devem trabalhar juntas e alinhadas, pois não se trata de um trabalho isolado.

O estudante TEA precisa, realmente, ter os seus direitos preservados em sala de aula e não somente determinados na lei, pois além do direito a um monitor /estagiário para o acompanhar, ele tem o direito de uma educação de qualidade e inclusiva em que não apenas seja levado em consideração a sua matrícula e permanência na escola, mas também a sua aprendizagem, afinal, é crescente o número de estudantes TEA em nossas escolas (Brasil, 2014).

Enfim, não basta apenas matricular os estudantes TEA nas escolas. É preciso preparar todos os profissionais envolvidos com os conhecimentos necessários para garantir um ensino de qualidade. Se os conhecimentos pedagógicos e psicológicos forem trabalhados e estudados mais profundamente, os profissionais da educação terão um conhecimento ainda mais amplo de estratégias para auxiliar no ensino desses estudantes.

Como foi percebido durante as entrevistas, a entrevistada “Z” possui um conhecimento mais aprofundado acerca dos métodos e suas aplicações abordados nesse artigo devido à sua iniciativa própria com formação em Psicopedagogia e experiência em atendimento clínico e terapêutico por ser professora meio período e, em outro período, ela atender como psicopedagoga em seu espaço terapêutico. Consideramos tais conhecimentos imprescindíveis para a garantia de um trabalho mais humano, efetivo e eficaz para os estudantes TEA por parte do profissional.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa nota-se que é vantajoso a aplicabilidade de uma comunicação alternativa como forma de auxílio para a alfabetização dos estudantes TEA pois, quando o ABA, PECS e TEACCH são integrados durante esse processo acarreta uma abordagem holística¹⁷ e adaptativa que gera uma aprendizagem no campo da alfabetização ainda mais significativa.

O presente artigo utilizou-se de um compêndio de obras com a finalidade de averiguar o que se torna necessário para se implementar o uso das metodologias ABA, PECS e TEACCH no processo de ensino-aprendizagem por parte dos professores na alfabetização de estudantes com TEA

Para melhor compreensão foi, para tanto, dividido em dois pontos principais que conduziram a pesquisa abordada de forma sucinta, nas quais compreende os aspectos do

¹⁷ Busca despertar o máximo potencial em todas as esferas de conhecimento dos estudantes.

processo de alfabetização e os principais métodos de intervenção para auxiliar no processo de alfabetização do estudante autista no ambiente escolar.

Inicialmente, uma avaliação individualizada, muitas vezes, conduzida pela ABA é fundamental para compreender as habilidades e desafios específicos de cada estudante em relação à alfabetização. Ao incorporar os princípios do TEACCH, cria-se um ambiente estruturado e organizado, utilizando rotinas visuais, sinalizações e estratégias de organização. Essa abordagem facilita a concentração e o foco nas atividades de alfabetização proporcionando uma previsibilidade que é, particularmente, benéfica para estudantes TEA. A comunicação visual, sendo uma parte essencial do PECS entra em cena utilizando figuras ou símbolos relacionados à alfabetização promovendo a compreensão e expressão de conceitos. Por exemplo, associar figuras de objetos a palavras auxilia na construção do vocabulário relacionado à leitura e à escrita. Se um estudante alcança um marco, como identificar corretamente uma palavra, isso pode ser recompensado com reforços positivos do ABA.

É preciso que o profissional busque por conhecimentos, mas que também parta da Secretaria de Educação oferecer condições de formação continuada que favoreça o trabalho do professor e do monitor/estagiário em prol de garantir ao estudante TEA uma aprendizagem significativa a partir do estudo dos métodos ABA, PECS e TEACCH que são, comprovadamente, métodos com garantia de resultados positivos para o desenvolvimento integral do estudante que, por sua vez, deve ser o protagonista de sua aprendizagem, inclusive em sua alfabetização que é condição necessária para o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Margaret. **Tales from the table: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum.** Londres; Filadélfia: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

BONDY, Andy; FROST, Lori. **A picture's worth: PECS and other visual communication strategies in autism.** 2.ed. North Bethesda: Woodbine House, 2011.

BONDY, Andy; FROST, Lori. **PECS: The Picture Exchange Communication.** 2.ed. Belo Horizonte: Pyramid Consultores Educacionais, 2002.

BOSA, Cleonice. **Autismo: Intervenções Psicoeducacionais.** Revista Brasileira de Psiquiatria. Porto Alegre, v. 28, p.47-53, jun. 2006.

BRAGA, Paula; KENYON, Shawn; MIGUEL, Caio. Análise do Comportamento Aplicada (ABA): um modelo para a educação especial. In: CAMARGOS JR, W. et al. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio**. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005.

BRASIL. **Decreto** nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm. Acesso em: 17 dez. 2023.

BRASIL. **Lei** nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13146&ano=2015&ato=c4aUTW65UNVpWT495> Acesso em: 21 de out 2023.

BRASIL. **Lei** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 04 de nov. 2023.

BRITES, Luciana. **Mentes Únicas**: Aprenda como descobrir entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolver suas habilidades impulsionando seu potencial. 1. ed. São Paulo: Gente, 2019.

ESPÍRITO SANTO. Conselho Estadual de Educação. Resolução CEE nº 3.777/ 2014. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 13 maio 2014. Disponível em: <https://cee.es.gov.br/GrupodeArquivos/resolucao-cee-no-3-777-2014>. Acesso em: 17 de dez. 2023.

ESPÍRITO SANTO. Conselho estadual de educação. Resolução CEE nº 5.190/2018. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 31 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://cee.es.gov.br/Media/cee/Resolu%C3%A7%C3%B5es%20Normativas%202018/res5190.pdf>. Acesso em: 17 de dez. 2023.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana. **Vejo e aprendo: fundamentos do Programa TEACCH**: o ensino estruturado para pessoas com autismo. 2. ed. Rio Preto: Book Toy, 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e letramento**: como negar nossa história. Disponível em: <http://culturadigital.br/obviuss/2010/07/2022/alfabetização-e-letramentocomonegar-nossa-historia/>. Acesso em: 29 fev. 2024

GANZ, Jennifer B.; SIMPSON, Richard L.; CORBIN-NEWSOME, Jawanda. **The impact of the Picture Exchange Communication System on requesting and speech development in preschoolers with autism spectrum disorders and similar characteristics.** *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 2, n. 1, p. 157-169, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KEARNEY, Albert. **Understanding Applied Behavior Analysis: An introduction to ABA for parents, teachers, and other professionals** 1. ed. Filadélfia: Jessica Kingsley Publishers, 2008.

KRAMER, Sonia (org). **Alfabetização: dilemas da prática.** Rio de Janeiro, Dois Pontos Ed., 1986.

SELLA, Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista.** 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2018.

LEON, Viviane Costa de. **Práticas baseadas em experiência para a aplicação do TEACCH® nos Transtornos do Espectro do Autismo.** 1.ed. São Paulo: Memnon, 2016.

LINHARES. Lei nº 4.079, de 05 de outubro de 2022. **Dispõe sobre contratação de pessoal por tempo determinado, para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso ix, art. 37 da constituição federal, e das outras providências.** Disponível em: <https://linhares.nopapercloud.com.br/legislacao/norma.aspx?id=577&tipo=1&interno=0&autor=30059>. Acesso: em 08 de jan. de 2024.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: Componente do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér et al. **A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, 2011.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios básicos de análise do comportamento.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHWARTZMAN, José. **Conheça Métodos Mais Utilizados no Tratamento de Pessoas com Autismo.** 2020. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/autismo-universo-particula...etodos-maisutilizados-no-tratamento-de-pessoas-com-autismo.html>. Acesso em: 19 de jun. de 2023.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

